

TERRITORIALIDADES  
**LGBTQIAP+**

# REFERÊNCIAS CULTURAIS CENTRALIDADE HISTÓRICA

Realização

Instituto **Pólis**

repep

Apoio

 **IPHAN** INSTITUTO  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO  
NACIONAL

# BAIXO AUGUSTA



Famosa esquina de bares no Baixo Augusta. Foto: Nina Lezzi.  
Fonte: saopaulo.com.br, 2018

## DESCRIÇÃO

É uma região da área central da cidade em torno da rua Augusta que historicamente apresenta público diversificado e muito frequentado por pessoas LGBTQIAPN+. A rua Augusta em si se estende para além do centro, até a região sudoeste. Embora seja uma referência LGBTQIAPN+ por inteiro, é na região central que a rua se destaca como território LGBTQIAPN+ de cultura alternativa. É considerado um centro de produção artística e criativa, de bares e baladas, assim como de insurreição e movimentos de reocupação das ruas, visíveis pelos grafites, pixações, lambes-lambes e pelas diversas passeatas que lá ocorrem.

Nos anos 1970, com a valorização imobiliária da avenida Paulista, essa área da Augusta passou a ser uma faixa de transição entre o centro popular e os bairros nobres do sudoeste. Desde esse período, a rua abriga territórios de prostituição tanto nas ruas como em estabelecimentos fechados, como môtéis e saunas, que se aproveitam da clientela mais abastada comum na Avenida Paulista. Por décadas as ruas da região foram reconhecidas por ser reduto de grupos punk, emos, fashionistas, LGBTQIAPN+, etc que frequentavam seus estabelecimentos e eventos. Alguns são: **A Lôca**, **Bar do Netão**, a festa **Voodoohop**, a **Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais**, e o **Ferro's Bar** (ver ficha **Memória: Ferro's Bar**). Ali está também localizado o **Shopping Frei Caneca**, conhecido shopping pela frequência LGBTQIAPN+ dentro e fora do país (ver ficha **Centro Sudoeste: Avenida Paulista**).

No século XXI, a rua Augusta passou a ser reconhecida também pela mídia e pelo mercado como um local diferenciado da cidade, justamente por seu aspecto rebelde e artístico. A partir desse período, alguns empresários utilizaram a expressão Baixo Augusta para delimitar a sua área de atuação, expressão que já era utilizada pelos frequentadores antes. Novos estabelecimentos se instalaram, atraindo clientela mais rica e expondo o processo de gentrificação que ocorre em outras partes do centro da cidade.

Na região concentram-se diversas referências importantes para a comunidade LGBTQIAPN+. Algumas são:

A **Praça Franklin Roosevelt**, localizada entre as ruas Augusta e Consolação, na altura da Rua Martinho Prado, é um símbolo do movimento de reocupação do espaço público. A praça original foi inaugurada em 1970 e consistia em uma área de concreto de cinco pavimentos em forma de pentágono. Era parte do roteiro de arte e entretenimento da cidade com o famoso Cine-Teatro Bijou. Em 1996, um ato pelos direitos das pessoas LGBT+ ocorreu na praça e foi um dos movimentos precursores da Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo, passando a ocorrer na Avenida Paulista no ano seguinte.

Durante os anos 1980 e 2010, o logradouro permaneceu como um remanescente das obras executadas na ligação viária leste-oeste, que incluiu posteriormente o Minhocão, todas realizadas nos anos da ditadura cívico-militar. Era uma praça coberta de concreto, abandonada pelo poder público, sem iluminação, com acúmulo de sujeira, graves infiltrações e frequentada por poucos. Por ser uma área mais escura, era comum a presença de prostitutas, ladrões e traficantes de drogas, mas sua área superior já era utilizada por skatistas. Após a reforma de 2012, em uma articulação entre os teatros da praça e o poder público, passou a ser frequentada por jovens, moradores e skatistas em uma área aberta e acessível. Atualmente é um conhecido ponto de encontro de protestos e eventos contra a LGTBfobia e por mudanças nos rumos da política paulistana e brasileira, como nas passeatas de 2013, e no Festival Existe Amor em São Paulo, em 2012 quando se sugeriu a mudança do nome para “Praça Rosa”. Ao redor da praça há concentração de bares frequentados pelo público LGBTQIAPN+ que, nas noites, passam a ocupar também as ruas e a própria praça. É também ponto de encontro da classe artística pelas casas de teatro que ali se encontram.

Assim como a Roosevelt, o **Parque Augusta** também é um símbolo dos movimentos de direito à cidade e ocupação das ruas por ser uma das poucas grandes áreas não construídas do centro. Após diversas manifestações públicas, como a realização de piqueniques na Rua Augusta e apresentações artísticas, a Prefeitura conseguiu adquirir o terreno e o Parque Augusta foi inaugurado em 2021. Desde então, é frequentado pelos moradores da região, sendo muitos destes LGBTQIAPN+. Contudo, é possível observar a diferenciação entre este público mais abastado e branco, com outras áreas do centro, mais popular e negro. Portanto, embora seja um lugar especial tanto por sua história quanto por ser uma das poucas áreas verdes do centro, é necessário apontar o risco da gentrificação.

## REFERÊNCIAS

G1 São Paulo. Laerte e Jean Wyllys participam de ato contra Feliciano em SP. Portal G1. 25/4/2013. Disponível <[g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/04/laerte-e-jean-wyllys-participam-de-ato-contra-feliciano-em-sp.html](http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/04/laerte-e-jean-wyllys-participam-de-ato-contra-feliciano-em-sp.html)> Acesso em 4 abr 2024.

PAIVA, Marlon; SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. Regeneração e resiliência: as intervenções urbanas recentes na Praça Roosevelt em São Paulo. Revista INVI, Santiago, v. 35, n.100, p.115-142, nov. 2020. Disponível em <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-83582020000300115-&lng=es&nrm-iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-83582020000300115-&lng=es&nrm-iso)>. acessado em 01 marzo 2024.  
<<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-83582020000300115>> Acesso em 1 mar 2024.

PONTE JORNALISMO. Desmilitarização da Praça Roosevelt: a defesa do urbanismo sem medo. Ponte Jornalismo. 9/9/2014. Disponível em <<https://ponte.org/desmilitarizacao-da-praca-roosevelt-a-defesa-do-urbanismo-sem-medo/>> Acessado em 1 mar 2024

REDAÇÃO RBA. ‘Amor em SP’ leva milhares à Praça Roosevelt, no centro da cidade. Rede Brasil Atual. 21/10/2012. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidades/amor-em-sp-leva-milhares-a-praca-roosevelt/>> Acesso em 1 mar 2024.

NAVARRO, Viviany. Baixo Augusta. Laboratório para Outros Urbanismos. FAUUSP. Disponível em <<http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/baixo-augusta/>> Acesso em 3 mar 2024

MAGALHÃES, Ana. Rua Frei Caneca. Laboratório para Outros Urbanismos. FAUUSP. Disponível em <<http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/rua-frei-caneca/>>

Parque Augusta Prefeito Bruno Covas in Wikipédia, a enciclopédia livre. Florida: Wikimedia Foundation. Disponível em <[pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Augusta\\_-\\_Prefeito\\_Bruno\\_Covas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Augusta_-_Prefeito_Bruno_Covas)> Acesso em 4 abr 2024

Baixo Augusta in Wikipédia, a enciclopédia livre. Florida: Wikimedia Foundation. Disponível em <[pt.wikipedia.org/wiki/Baixo\\_Augusta#cite\\_note-g1-3](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baixo_Augusta#cite_note-g1-3)> Acesso em 4 abr 2024

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Ativismo: Marchas e Datas

Centralidade Histórica: Bixiga

Círculo: encontros, cultura e lazer

Círculo: bares, baladas e restaurantes

Círculo: Pegação

Festas: festas periódicas

Memória: Centro Histórico

Memória: Jardins



# BIXIGA



A casa de acolhida Casa 1, no bairro do Bixiga.  
Fonte: Agência Brasil. Casa Um/Divulgação

## DESCRIÇÃO

É um bairro da cidade de São Paulo localizado às margens da área central, entre os distritos da Bela Vista e da República. Desde a expansão do chamado “Centro Novo”, na segunda metade do século XX, se tornou ponto de encontros de pessoas LGBTQIAPN+ através de suas praças, bares, restaurantes e casas noturnas.

O Bixiga consta em registros coloniais desde o século XV, quando era conhecido como Capão Redondo, um lugar de chácaras. A urbanização do bairro se deu principalmente a partir do início do século XX, quando a cidade de São Paulo cresceu para além do Vale do Anhangabaú, avançando para além do triângulo histórico. Apesar de ser conhecido como um bairro italiano, a região foi ocupada por quilombolas muito antes da chegada dos imigrantes europeus. Nos seus limites foi localizado recentemente, durante as obras de expansão do metrô, o único quilombo conhecido em São Paulo, o **Saracura**, aglomerado urbano e de resistência negra frente ao racismo e à escravidão que data de meados do século XIX. O quilombo enfrenta risco de desaparecimento desde sua descoberta, em 2022, por conta da falta de ações dos órgãos de preservação competentes. No local do quilombo surgiu, em 1930, a **tradicional escola de samba Vai-Vai**.

Até hoje o Bixiga é ocupado pela população negra, nordestina e de origem italiana. A urbanização fez do bairro um lugar de sociabilidade e encontros alternativos, uma opção fora do eixo central. No bairro estabeleceram-se importantes casas noturnas da cena paulistana punk, como o Napalm, e o **Madame Satã**, histórica casa noturna conhecida pela cena gótica no Brasil, inaugurada em 1983 e existente ainda hoje. No Madame Satã se apresentou a artista **Cláudia Wonder**, travesti que liderou a banda de rock Jardim das Delícias e realizou a performance O Vômito do Mito em que simulava se banhar em sangue. Na região, na década de 60, se instalou o **Teatro Oficina**, com a equipe de **Zé Celso** Martinez Corrêa, em edifício projetado por **Lina Bo Bardi**, inaugurado na década de 1990; atualmente apresenta peças com temáticas importantes na cena LGBTQIAPN+, além de outros eventos, e tem liderado a luta pela instalação do **Parque Bixiga** na área ao lado.

A partir da década de 1970, a população LGBTQIAPN+ começou a ocupar mais ostensivamente a área do Bixiga, tanto em espaços de lazer e culturais quanto na organização política. Nas noites da década de 1980, as ruas do bairro serviam para conectar boates como o Village Station Cabaret e o Shock House, ambos na rua Rui Barbosa. Desde julho de 1992 funciona na Rua dos Ingleses a casa noturna **Tunnel**, importante ponto de apresentação de drag queens na cidade. Na mesma rua está o Teatro Ruth Escobar, lugar que recebeu o **1º Encontro Brasileiro de Homossexuais**, em 06 de abril de 1980, e apresenta diversas peças de temática LGBTQIAPN+, como *O Abajur Lilás*, de Plínio Marcos, e *Pobre Super-Homem*, de Brad Fraser. Na rua Treze de Maio, funcionou o clube Glória, reduto de pessoas da cena eletrônica e fashion, e ainda hoje funciona o clube Yatch, lugar de encontro principalmente de homens jovens. O **Gay Club**, também na rua Treze de Maio, apresentava peças de teatro com temáticas gays como *Os rapazes da banda* (The boys in the band) e *Boys meets Boys*. Foi também nesse bairro que **Brenda Lee** transformou sua pensão, o **Palácio das Princesas** ou **Casa de Apoio Brenda Lee**, em casa de acolhimento a pessoas vivendo com HIV/Aids nas décadas de 1980 e 1990, principalmente travestis e mulheres trans.

Para além das casas noturnas e bares, é uma opção no centro para pessoas LGBTQIAPN+ mais pobres, principalmente para aquelas que não são aceitas em outros lugares, como travestis, mulheres e homens trans e pessoas negras. Não por acaso está instalada ali a **Casa 1** que acolhe pessoas expulsas de casa por sua identidade sexual e de gênero. Em 2023, ocorreu nas ruas do bairro a **Parada Preta** justamente pelo elo histórico e simbólico que o bairro tem com a população LGBTQIAPN+ e negra.



## REFERÊNCIAS

Bixiga. Wikipedia, a enciclopédia livre. Flórida, Wikimedia Foundation. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bixiga>> Acesso 25 nov 2023

CICARELLI, Catarina. Madame Satã retorna à noite paulistana. Veja São Paulo, 5 dez 2016. Disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/madame-sata-volta/>> Acesso em 25 Nov 2023

LEITE, Sylvia. Lugares de Memória. 17 mai 2020. Disponível em <<http://lugaresdememoria.com.br/bixiga-sp-negros-italianos-nordestinos/>> Acesso em 28 Nov 2023

DUARTE, Carolina . Pela primeira vez evento ocorreu na rua, percorrendo o Bixiga, na região central de São Paulo, e falando da importância da interseccionalidade. **Ponte Jornalismo**. Disponível em <<https://ponte.org/nosso-orgulho-tem-raca-parada-preta-em-sp-celebra-corpos-negros-lgbtqiapn/?s=08>> Acesso em 8 jan 2024

OLIVEIRA, Andreza de. Associado a cultura italiana, Bixiga tem raiz negra e abrigou único quilombo de São Paulo. **Folha de São Paulo**, Cotidiano. 6/5/2023. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/05/associado-a-cultura-italiana-bixiga-tem-raiz-negra-e-abrigou-unico-quilombo-de-sao-paulo.shtml>> Acesso em 1 mar 2024.

ROLNIK, Raquel. Construção da nova linha do metrô precisa reconhecer e preservar a presença da população negra do Bexiga. LabCidade. 21/07/2022. Disponível em <<https://www.labcidade.fau.usp.br/construcao-da-nova-linha-do-metro-precisa-reconhecer-e-preservar-a-presenca-da-populacao-negra-do-bexiga/>> Acessado em 01 mar 2024

STEFFEN, Lufe. Uma viagem pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. **Portal Uol**. 6/6/2017. Disponível em <<https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>> Acesso em 28 nov 2023

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Memória: Casa de Apoio Brenda Lee

Memória: Ferro's Bar

Acolhimento: Rede Não Governamental

Ativismo: Marchas e Datas

# GALERIA METRÓPOLE



Interior da Galeria Metrópole onde notam-se as escadas rolantes ao centro, local de paquera, assim como os corredores e as cercanias externas do edifício. Autor: Mike Peel, 2017. Wikimedia Commons.

## ENDEREÇO

Av. São Luís, 187, República

## DESCRIÇÃO

A Galeria Metrópole, anteriormente conhecida como conjunto Maximus e Centro Metropolitano de Compras, é um edifício multifuncional localizado na Praça Dom José Gaspar, ao lado da Biblioteca Mário de Andrade, no distrito da República.

Quando foi construído em 1964, a praça já era um conhecido ponto de encontro de pessoas LGBTQIAPN+ e fazia parte do roteiro de passeio e paquera. Portanto, era ansiosamente aguardada a inauguração do conjunto comercial:

Na segunda metade da década de 1960, há um grande acontecimento, que é a inauguração da Galeria Metrópole. Ela foi construída como um espaço arquitetônico, urbanístico. Mas já quando estava em obras as bichas já falavam: “vamos invadir esse espaço, vai ser nosso, vai ser uma bicharada toda nessa galeria.” (Perlongher, 1987, p.78)

Assim foi feito. Além dos corredores em volta do jardim interno, as escadas rolantes do edifício viraram ponto de trocas de olhares entre as pessoas que se cruzavam no sobe e desce das escadas:

“Ponto quente da vida gay paulistana era a Galeria Metrópole. Cheia de bares, boates, inferninhos, fliperamas, galerias, livrarias, escadas rolantes, etc., a Galeria misturava não só o mundo gay, mas também intelectuais, artistas, poetas, encucados, suicidas, prostitutas, gigolôs, cafetinas, músicos, e mais a bossa nova, o jazz, o rock, a tropicália, a psicodélica, o álcool, as drogas e, é claro, a polícia. Enfim, misturava tudo e todos, de Chico Buarque a Silvia Pinel, todo mundo deu, nem que en passant, uma geral pela galeria, onde o “Barroquinho” de Zilco Ribeiro era ponto chique.” (Perlongher, 1987, p.80)

A paquera acontecia também no Cine Metrópole, no nível térreo da edificação. A sala de cinema exibiu filmes comerciais até a década de 1970 e recebeu a Mostra Internacional de Cinema. Com a queda do público, movimento generalizado nos cinemas de rua em São Paulo, passou a exibir filmes pornográficos, até encerrar suas atividades em 1996 e, posteriormente, reabrir como uma grande boate LGBTQIAPN+ em 2012 que fechou dois anos depois.

Assim como outros centros de encontro LGBTQIAPN+, o local sofreu com a repressão do governo militar iniciado em 1964. A praça era constantemente vigiada e a Galeria passou a ser um local perigoso, pois as forças policiais bloqueavam as entradas do conjunto, impedindo a saída das pessoas em batidas contra a população LGBTQIAPN+ para “limpar” a cidade. Uma das justificativas, em 1968, foi a passagem da rainha Elizabeth II pela cidade.

A galeria enfrentou certo esvaziamento à medida em que o centro financeiro e comercial deixava o centro antigo e rumava para a região sudoeste. A região em que se encontra, contudo, permanece como um polo de concentração LGBTQIAPN+ e território de prostituição de mulheres trans e travestis e de homens cis, inclusive no entorno da galeria. Atualmente, abriga ainda muitos bares e restaurantes, além da livraria Taperá Taperá, ponto cultural no centro, e diversos escritórios de arquitetura.



Foto Montepem feita pela Av. São Luís. "MAXIMOS" Arquiteto: Aflalo Gasperini

O conjunto multifuncional da Galeria Metrópole, a partir da avenida São Luís [s.d].  
Fonte: Acervo Aflalo Gasperini Arquitetos.



### **REFERÊNCIAS**

ACERVO Aflalo Gasparini Arquitetos. Galeria MetrÓpole. Disponível em <<https://acervoafalogasperini.arq.br/galeria-metropole/>> Acesso em 7 jan 2024.

PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

A VIDA no centro. Conheça os bares da Galeria MetrÓpole. 6 jun 2019. Disponível em <[https://avidanocentro.com.br/o\\_que\\_fazer/conheca-os-bares-da-galeria-metropole/](https://avidanocentro.com.br/o_que_fazer/conheca-os-bares-da-galeria-metropole/)> Acesso em 7 jan. 2024

### **OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS**

Memória: Centro Histórico

Centralidade HistÓrica: Largo do Arouche

# LARGO DO AROUCHE



Carnaval no Largo do Arouche.  
Fonte: Portal G1, 2014

## DESCRIÇÃO

O Largo do Arouche é um espaço público no distrito da República, próximo à estação do Metrô de mesmo nome. É um conjunto de pequenas ilhas de praças que historicamente faz parte da principal área de sociabilidade da população LGBTQIAPN+ na cidade.

Pelo menos desde os anos 1940 há relatos de encontros entre pessoas “desviadas” ou “entendidas” na região, como se dizia na época pelas forças de repressão e entre as próprias pessoas, respectivamente. Nos anos da ditadura cívico-militar (1964-1985), a região foi palco de ações perpetradas por policiais que resultaram em prisões arbitrárias, torturas e assassinatos. As operações do delegado Wilson Richetti ficaram conhecidas pela cidade por promover a “limpeza” do centro, ou seja, a repressão a prostitutas, michês, travestis, lésbicas e gays que circulavam pelo centro. Para aqueles que foram alvo de tais operações, o delegado é lembrado pela sua brutalidade.

Diante de tal truculência, as pessoas se organizaram. Em resposta às operações de repressão, no dia 13 de junho de 1980 foi realizado o primeiro ato pela defesa dos homossexuais e contra a violência policial. O ato, considerado o primeiro de tal natureza no Brasil, foi iniciado no Theatro Municipal e caminhou até o Largo do Arouche, aos gritos de “**O Arouche é nosso!**”.

Mesmo após o fim da ditadura, a Polícia manteve seus hábitos. Em 1987 lançou a **Operação Tarântula**, cujo objetivo era eliminar as travestis, mulheres trans e prostitutas (cis e trans) das ruas, seja pela prisão, seja pela execução sumária. Relatos de mulheres trans e travestis que presenciaram esse período narram casos de tiros dados sem qualquer motivo ou resistência das vítimas, estupros, corpos estirados no chão durante a madrugada que desapareciam no raiar do dia.

Hoje, a região em torno do Largo do Arouche é um território LGBTQIAPN+ reconhecido e que comporta comércios e serviços direcionados a essa população. No entorno se estabeleceram pontos históricos importantes, como o **Caneca de Prata** (em operação há 60 anos), as boates **Homo Sapiens** e as casas de shows de travestis **Val-Improviso** e **Val-Show**, comandadas por Andrea de Mayo e Valdemir Tenório de Albuquerque.

A **Avenida Vieira de Carvalho** é o centro dos bares. Os frequentadores ocupam as calçadas à noite, principalmente de sexta-feira à domingo, com mesas ou em pé. Nesta avenida está o **Café Vermont**, um dos poucos cujo público é majoritariamente de mulheres lésbicas e bissexuais. A avenida une a **Praça da República** ao Largo do Arouche, dois pontos de encontro, e por isso historicamente é um percurso de paqueras. Além dos bares e boates, possui lojas especializadas com artigos para mulheres trans e travestis e salão de beleza **Sempre Bellas**, que emprega mulheres trans e travestis.

A região do Arouche, e o centro como um todo, no entanto, apresenta um público LGBTQIAPN+ diferente quando comparado ao da Avenida Paulista. Nesta, os moradores e frequentadores pertencem às classes sociais com maior renda e são mais brancos, enquanto a região do Arouche e República é frequentada por pessoas mais pobres, negras, travestis e transexuais, um dos motivos para a realização da **Marcha do Orgulho Trans**.

Como a região central de forma geral, o Arouche também está em processo de gentrificação. Tal movimento é perceptível pelos diversos lançamentos imobiliários ocorrendo no distrito da República (Puccinelli, 2017; REPEP, 2019). Em 2019, a Prefeitura de São Paulo deu início à execução de um projeto cujo objetivo final era transformar o largo em uma espécie de Petit Paris - nas palavras do então prefeito João Dória (PSDB) - e que ignorava a população LGBTQIAPN+. As obras foram alteradas, mas isto não significa o fim das investidas em transformar o largo em um espaço hétero, cis, rico e branco.

A cara do largo como lugar de referência LGBTQIAPN+, contudo, resiste. No carnaval ou no mês do orgulho, mas também durante todo o ano, multiplicam-se as bandeiras do arco-íris nas janelas dos apartamentos enquanto os **blocos de carnaval** preferidos pelo público LGBTQIAPN+ circulam na região.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatórios**: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. Brasília, 2014.

GREEN, James. QUINALHA, Renan (org.) **Ditadura e Homossexualidade**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2018.

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036) .> Acesso em 27 jun 2024

PAULO, Paula Paiva. Prefeitura quer transformar Largo do Arouche em ‘boulevard’ com inspiração francesa. Portal G1, Cidades. 24/05/2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/a/2019/05/24/prefeitura-quer-transformar-largo-do-arouche-em-boulevard-com-inspiracao-francesa.ghtml>> Acesso em 27 fev. 2024

**PONTE JORNALISMO**. Pluralidades, Ep. 6: Neon Cunha. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W8MbkApl5eQ&t=1594s>> Acesso dia 27 fev 2024

PUCCINELLI, Bruno. “Perfeito para você, no centro de São Paulo”: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. Tese de Doutorado, Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2017.

QUINALHA, Renan H. **Contra a moral e os bons costumes**: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Instituto de Relações

TREVISAN, José Silverio. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro, Objetiva, 2018.

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Centralidade Histórica: Praça da República

Centralidade Histórica: Teatro Municipal

Centralidade Histórica: Museu da Diversidade

Centralidade Sudoeste: Av. Paulista

Ativismo: Marchas e Datas

Memória: Centro Histórico

Saberes: Ser puta

Saberes: Vivência trans

Saberes: Morar na rua

Formas de Expressão: Blocos de Carnaval LGBTQIAPN+

# MUSEU DA DIVERSIDADE



Fachada do Museu da Diversidade, na estação de metrô República.  
Fonte: Museu da Diversidade

## ENDEREÇO

Sede: Estação República do metrô.  
Expansão: Avenida São Luís, nº120 - República

## DESCRIÇÃO

O Museu da Diversidade Sexual em São Paulo é uma instituição que desempenha um papel crucial na preservação e celebração da história da diversidade sexual e de gênero na América Latina. Localizado nas galerias de acesso à Estação República do Metrô, é um espaço dedicado à memória e à visibilidade LGBTQIAPN+, além de promover uma série de atividades educativas e formativas.

O Museu foi inaugurado em 2012, resultado de uma parceria entre a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e a organização não governamental APOGLBT (Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo), estabelecido como uma iniciativa para documentar, preservar e compartilhar a memória da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil.

Ao longo dos anos, tem se dedicado a coletar e exibir uma variedade de objetos, documentos, fotografias e obras de arte relacionadas à diversidade. A trajetória histórica apresentada no museu abrange desde os períodos mais difíceis, como a repressão durante a ditadura cívico-militar, até as conquistas e avanços na luta pelos direitos LGBTQIAPN+.

A programação é composta por exposições temporárias nas unidades físicas e virtuais, que podem ser visitadas pela internet, oferecendo uma visão rica da história da comunidade no Brasil. As exposições exploram temas contemporâneos, questões sociais e artísticas relevantes para a comunidade LGBTQIAPN+, garantindo que o museu permaneça atualizado e envolvente. Dentre mostras organizadas pelo museu há “Memória para Auto Defesa”, “Plural 24h”, “Tarja Preta” entre muitas outras. O site do museu promove inúmeras ações como a exposição “Queertena”, realizada durante a pandemia de Covid-19 (2020). As exposições também não se limitam apenas às questões de gênero e sexualidade, como a exposição mais recente do museu, “Xirê das Yabás: a fertilidade do mundo” (2024), representando a força feminina e negra no candomblé, religião de matriz africana.

O museu desempenha um papel essencial na promoção da igualdade, na desconstrução de estigmas e na educação sobre questões relacionadas à diversidade e aos direitos humanos, contribuindo para o reconhecimento e respeito à população LGBTQIAPN+ e se colocando como um espaço de resistência aos ataques contra essa comunidade. Além das exposições, o museu tem realizado uma série de atividades educativas, como palestras, debates e workshops, iniciativas educativas fundamentais para promover a aceitação, o entendimento e a tolerância em uma sociedade diversa.

Seu papel de resistência pode ser observado no final de 2021 quando uma ação reacionária do poder público fez com que o museu fechasse suas portas na estreia de uma exposição sobre o universo drag. Felizmente, graças à pressão dos movimentos populares e da organização social que faz sua gestão, o museu foi reaberto 4 meses depois.

No mais, o museu tem o potencial de inspirar outras iniciativas semelhantes em diferentes partes do país, incentivando a preservação e celebração da história LGBTQIAPN+ e se tornando um espaço referência na preservação da história desta população. Ao destacar as contribuições da comunidade para a cultura e a sociedade em geral, o Museu da Diversidade Sexual desempenha um papel fundamental na construção de uma narrativa mais inclusiva. Em agosto de 2023, começaram as obras de ampliação e assim foi inaugurado o Centro de Referência e Empreendedorismo do Museu da Diversidade.

Em conclusão, o Museu da Diversidade Sexual em São Paulo é mais do que um local de exposição, é um espaço de respeito, celebração e aprendizado. Sua história e importância cultural fazem dele uma parte essencial do patrimônio cultural brasileiro, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.



#### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariane. Valorização da mulher negra e indígena é foco de exposição no Museu da Diversidade Sexual. **Portal Terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/valorizacao-da-mulher-negra-e-indigena-e-foco-de-exposicao-no-museu-da-diversidade-sexual,dfd61db07e16a6e9893e250da5adbf19gk36tddr.html>. Acesso em 21 dez 2023.

GIANNINI, Alessandro. Após quatro meses fechado, Museu da Diversidade Sexual reabre em SP. **Veja São Paulo**, 1/9/2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/apos-quatro-meses-fechado-museu-da-diversidade-sexual-reabre-em-sp>. Acesso em 11 dez. 2023.

MUSEU da Diversidade Sexual. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://museudadiversidadensexual.org.br/sobre>. Acesso em 13 dez 2023.

MUSEU da Diversidade Sexual é ampliado e será reaberto em julho no Centro da cidade de SP. **Portal G1**. 15/5/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/20/museu-da-diversidade-sexual-de-sp-e-ampliado-e-sera-reaberto-em-julho-na-avenida-paulista.ghtml>. Acesso em 13 dez 2023.

#### OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Centralidade Histórica: Largo do Arouche

Centralidade Histórica: República

# THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



Manifestação contra a violência policial cometida contra homossexuais, prostitutas e travestis, alvos dos “Rondões” durante o Governo Civil-Militar, em 1980.

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/ Reprodução Memorial da Resistência.

## ENDEREÇO

Praça Ramos de Azevedo, s/n, República

## DESCRIÇÃO

Com mais de cem anos, é um dos teatros mais importantes de São Paulo, no centro da cidade. Além de ser um edifício histórico e importante para a cultura do país, também foi e é local de manifestações diversas na história da cidade. Uma dessas manifestações foi a que é considerada a primeira mobilização pública pela defesa dos direitos dos LGBTQIAPN+ na cidade.

O teatro foi construído em 1911, no distrito da República, no centro de São Paulo. Projetado por Ramos de Azevedo em estilo eclético e inspirado na Ópera de Paris, é um dos cartões postais da cidade e considerado um dos mais importantes teatros do país. Além de abrigar famosas produções nacionais e internacionais, é também lembrado por ter recebido a Semana da Arte Moderna de 1922, marco do Movimento Modernista no Brasil. Durante sua trajetória, o teatro sempre foi mais reservado às elites, enquanto sua escadaria externa era ocupada pela população nas mais diversas formas, inclusive pela população de rua.

Por sua importância e localização, é comumente usado como ponto de encontro e concentração de manifestações. Foi neste local que ocorreu a primeira passeata LGBTQIAPN+ no início da década de 80. Durante a ditadura cívico-militar, foram realizadas ações organizadas de repressão a prostitutas (cis e trans), travestis e mulheres trans, lésbicas e gays no centro da cidade, os chamados “Rondões” ou “Operações Limpeza”, coordenadas pelo delegado Wilson Richetti. São muitos os relatos de abusos e assassinatos cometidos pelas polícias. A violência estatal visava esvaziar as ruas do centro sob a justificativa de estar combatendo o crime e qualquer pessoa considerada fora dos padrões conservadores da cis-heteronormatividade podia ser alvo das forças policiais. Em 13 de junho de 1980, um grupo de quase mil pessoas se formou na escadaria do teatro para protestar contra a violenta repressão perpetrada pelas forças públicas. Mesmo com medo, o protesto caminhou pela Avenida São João até o Largo do Arouche entoando palavras de ordem e se dispersando pela multidão de transeuntes.

Essa ação até hoje reverbera em tantas outras manifestações e passeatas que utilizam o teatro como lugar de protesto ou ponto de encontro para ocupar as ruas do centro. Atualmente, no Theatro Municipal, assim como em outros equipamentos públicos, é exposta uma grande bandeira de arco-íris no mês de junho, em comemoração ao mês do orgulho, colorindo aquela parte do centro da cidade.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília

NITO, Mariana Kimie. Inventário participativo Arouche LGBTQIA+. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036)> Acesso em 24 out. 2023.

**OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS**

Centralidade Histórica: Largo do Arouche  
Centralidade Histórica: República